



CARTA APOSTÓLICA

DESENHANDO NOVOS MAPAS DE ESPERANÇA

DO PAPA LEÃO XIV POR OCASIÃO DO
LX ANIVERSÁRIO DA DECLARAÇÃO CONSULISTA
GRAVISSIMUM EDUCATIONIS

1. Preâmbulo

1.1. Traçando novos mapas de esperança. O dia 28 de outubro de 2025 marca o 60º aniversário da Declaração Conciliar Gravissimum Educationis, sobre a extrema importância e atualidade da educação na vida da pessoa humana. Com esse texto, o Concílio Vaticano II lembrou à Igreja que a educação não é uma atividade acessória, mas forma o próprio tecido da evangelização: é o modo concreto pelo qual o Evangelho se torna um gesto educativo, uma relação e uma cultura. Hoje, diante de rápidas mudanças e incertezas desorientadoras, esse legado demonstra uma resiliência surpreendente. Onde as comunidades educativas se deixam guiar pela palavra de Cristo, elas não recuam, mas renovam-se; não erguem muros, mas constroem pontes. Reagem com criatividade, abrindo novas possibilidades para a transmissão do conhecimento e do significado nas escolas, universidades, formação profissional e civil, na pastoral escolar e juvenil e na pesquisa, pois o Evangelho não envelhece, mas faz “todas as coisas novas” (Ap 21,5). Cada geração ouve isso como uma mensagem nova e regeneradora. Cada geração é responsável pelo Evangelho e por descobrir o seu poder seminal e multiplicador.

1.2. Vivemos num ambiente educativo complexo, fragmentado e digitalizado. Precisamente por isso, é sábio fazer uma pausa e voltar o nosso olhar para a “cosmologia da *paideia* cristã”: uma

visão que, ao longo dos séculos, soube renovar-se e inspirar positivamente todas as múltiplas facetas da educação. Desde o princípio, o Evangelho gerou "constelações educativas": experiências humildes e poderosas, capazes de interpretar os tempos, de preservar a unidade entre fé e razão, entre pensamento e vida, entre saber e justiça. Nas tempestades, foram uma âncora de salvação; e nas calmarias, uma vela desfraldada. Um farol na noite para guiar a navegação.

1.3. A Declaração Gravissimum Educationis não perdeu nada da sua força. Com ela, surgiu um firmamento de obras e carismas que ainda hoje guia o caminho: escolas e universidades, movimentos e institutos, associações leigas, congregações religiosas e redes nacionais e internacionais. Juntos, esses organismos vivos consolidaram um património espiritual e pedagógico capaz de navegar no século XXI e responder aos desafios mais prementes. Esse património não é rígido: é uma bússola que continua a apontar o caminho e a falar da beleza da jornada. As expectativas de hoje não são menores do que as que a Igreja enfrentou há sessenta anos. Aliás, elas ampliaram-se e tornaram-se mais complexas. Diante dos milhões de crianças em todo o mundo que ainda não têm acesso ao ensino fundamental, como podemos não agir? Diante das situações dramáticas de emergência educacional causadas por guerras, migração, desigualdade e diversas formas de pobreza, como podemos não sentir a urgência de renovar nosso compromisso? A educação – como recordei na minha Exortação Apostólica Dilexi te – “é uma das mais elevadas expressões da caridade cristã” [1]. O mundo precisa desta forma de esperança.

2. Uma história dinâmica

2.1. A história da educação católica é a história do Espírito em ação. A Igreja é “mãe e mestra” [2] não por supremacia, mas por serviço: ela gera fé e acompanha o crescimento em liberdade, assumindo a missão do Divino Mestre para que todos “tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Os estilos educativos que se sucederam revelam uma visão do homem como imagem de Deus, chamado à verdade e à bondade, e um pluralismo de métodos ao serviço dessa vocação. Os carismas educativos não são fórmulas rígidas: são respostas originais às necessidades de cada época.

2.2. Nos primeiros séculos, os Padres do Deserto ensinavam a sabedoria com parábolas e apotegmas; redescobriram o caminho do essencial, da disciplina da língua e da tutela do coração; Transmitiram uma pedagogia do olhar que reconhece Deus em toda a parte. Santo Agostinho, enxertando a sabedoria bíblica na tradição greco-romana, conta ao capítulo que o mestre autêntico desperta o desejo da verdade, ensina a liberdade de ler os sinais e de descobrir uma voz interior. O Monaquismo levou esta tradição aos lugares mais inacessíveis, durante décadas as obras clássicas foram estudadas, comentadas e ensinadas tanto que, sem elas um trabalho silencioso ao serviço da cultura, muitas obras-primas não teriam chegado aos nossos dias. «Do coração da Igreja» nasceram então as primeiras universidades, que desde as suas origens se revelaram «um centro incomparável de criatividade e de irradiação de sabedoria em benefício da humanidade» [3]. Nas suas salas de aula o pensamento especulativo encontra nos meios de comunicação das Ordens Mendicantes a possibilidade de construir solidamente e colocar tudo à frente da sociedade. Não foram poucas as congregações religiosas que deram os primeiros passos neste campo do conhecimento, enriquecendo a educação de uma forma pedagogicamente inovadora e socialmente visionária.

2.3. Ela expressou-se de muitas maneiras. Na *Ratio Studiorum*, a riqueza da tradição escolástica funde-se com a espiritualidade inaciana, adaptando um programa de estudos tão complexo quanto interdisciplinar e aberto à experimentação. Na Roma do século XVII, São José Calasanz abriu escolas gratuitas para os pobres, percebendo que a alfabetização e o letramento numérico são dignidade antes mesmo da competência. Na França, São João Batista de La Salle, “percebendo a

injustiça causada pela exclusão dos filhos de operários e camponeses do sistema educacional" [4], fundou os Irmãos das Escolas Cristãs. No início do século XIX, também na França, São Marcelino Champagnat dedicou-se "de todo o coração, numa época em que o acesso à educação continuava sendo privilégio de poucos, à missão de educar e evangelizar crianças e jovens" [5]. De modo semelhante, São João Bosco, com seu "método preventivo", transformou a disciplina em racionalidade e proximidade. Mulheres corajosas, como Vicenza Maria López y Vicuña, Francesca Cabrini, Giuseppina Bakhita, Maria Montessori, Katharine Drexel ou Elizabeth Ann Seton, abriram caminhos para meninas, migrantes e os menos favorecidos. Reitero o que afirmei claramente em Dilexi te: «A educação dos pobres, para a fé cristã, não é um favor, mas um dever» [6]. Esta genealogia da concretude testemunha que, na Igreja, a pedagogia nunca é teoria desencarnada, mas carne, paixão e história.

3. Uma tradição viva

3.1. A educação cristã é uma obra plural: ninguém educa sozinho. A comunidade educativa é um "nós" onde o professor, o aluno, a família, o pessoal administrativo e de apoio, os pastores e a sociedade civil convergem para gerar vida [7]. Este "nós" impede que a água fique estagnada no pântano do "sempre foi feito assim" e a força a fluir, a nutrir, a irrigar. O fundamento permanece o mesmo: a pessoa, imagem de Deus (Gn 1,26), capaz de verdade e de relacionamento. Portanto, a questão da relação entre fé e razão não é um capítulo opcional: "a verdade religiosa não é apenas uma parte, mas uma condição do conhecimento geral" [8]. Estas palavras de São João Henrique Newman — a quem, no contexto deste Jubileu da Educação Mundial, tenho a grande alegria de declarar copatrono da missão educativa da Igreja, juntamente com São Tomás de Aquino — são um convite a renovar o nosso compromisso com um conhecimento que seja tão intelectualmente responsável e rigoroso quanto profundamente humano. Devemos também ter cuidado para não cairmos no iluminismo de uma fé que esteja exclusivamente em desacordo com a razão. Devemos emergir da superficialidade, recuperando uma visão empática, aberta a uma compreensão cada vez melhor de como a humanidade se compreende hoje, a fim de desenvolver e aprofundar o nosso ensinamento. Portanto, o desejo e o coração não devem ser separados do conhecimento: isso significaria quebrar a pessoa. As universidades e escolas católicas são lugares onde as perguntas não são silenciadas e a dúvida não é banida, mas sim acolhida. Ali, o coração dialoga com o coração, e o método é o da escuta, que reconhece o outro como um bem, não como uma ameaça. *Cor ad cor loquitur* era o lema cardinal de São João Henrique Newman, retirado de uma carta de São Francisco de Sales: "É a sinceridade do coração, e não a abundância de palavras, que toca os corações dos homens."

3.2. Educar é um ato de esperança e uma paixão que se renova porque manifesta a promessa que vislumbramos no futuro da humanidade [9]. A especificidade, a profundidade e a amplitude da ação educativa residem no facto de que o trabalho — tão misterioso quanto real — de «fazer o ser florescer [...] é cuidar da alma», como lemos na *Apologia de Sócrates* de Platão (30a–b). É uma "profissão de promessas": tempo, confiança, competência são prometidos; justiça e misericórdia são prometidas; a coragem da verdade e o bálsamo da consolação são prometidos. Educar é uma tarefa de amor que se transmite de geração em geração, remendando o tecido rompido das relações e restaurando às palavras o peso da promessa: «Todo homem é capaz da verdade, porém, tudo se torna mais fácil e suportável quando o avanço é feito com a ajuda de outros» [10]. A verdade é procurada em comunidade.

4. A bússola da educação Gravissimum

4.1. A declaração conciliar Gravissimum educationis reafirma o direito de todos à educação e identifica a família como a primeira escola da humanidade. A comunidade eclesial é chamada a

apoiar ambientes que integrem fé e cultura, respeitem a dignidade de todos e dialoguem com a sociedade. O documento adverte contra qualquer redução da educação a um treino funcional ou a uma ferramenta económica: uma pessoa não é um "perfil de habilidades", não se reduz a um algoritmo previsível, mas sim um rosto, uma história, uma vocação.

4.2. A formação cristã abrange a pessoa na sua totalidade: espiritual, intelectual, afetiva, social e corporal. Não opõe o manual ao teórico, a ciência ao humanismo, a técnica à consciência; exige, pelo contrário, que o profissionalismo seja premiado por uma ética e que a ética não seja uma palavra abstrata, mas uma prática diária. A educação não mede o seu valor apenas pelo eixo da eficiência: mede-o pela dignidade, pela justiça, pela capacidade de servir ao bem comum. Essa visão antropológica integral deve permanecer a pedra angular da pedagogia católica. Ela – na esteira do pensamento de São João Henrique Newman – contrapõe-se a uma abordagem puramente comercialista que, muitas vezes e hoje em dia, força a educação a ser medida em termos de funcionalidade e utilidade prática [11] .

4.3. Esses princípios não são memórias do passado. São estrelas fixas. Dizem que a verdade a procuramos juntos; que a liberdade não é um capricho, mas uma resposta; que a autoridade não é dominação, mas serviço. No contexto educativo, não se deve “erguer a bandeira da posse da verdade, nem em relação à análise dos problemas, nem à sua resolução” [12] . Em vez disso, “é mais importante saber como abordá-los, do que dar uma resposta precipitada sobre por que algo aconteceu ou como superá-lo. O objetivo é aprender a enfrentar os problemas, que são sempre diferentes, porque cada geração é nova, com novos desafios, novos sonhos, novas perguntas” [13] . A educação católica tem a tarefa de reconstruir a confiança num mundo marcado por conflitos e medos, lembrando que somos crianças e não órfãos: dessa consciência nasce a fraternidade.

5. A centralidade da pessoa

5.1. Colocar a pessoa no centro significa educar com a visão de longo prazo de Abraão (Gn 15,5): ajudar as pessoas a descobrir o sentido da vida, a dignidade inalienável e a responsabilidade para com os outros. A educação não é apenas a transmissão de conteúdos, mas uma aprendizagem na virtude. Forma cidadãos capazes de servir e crentes capazes de testemunhar, homens e mulheres mais livres, que já não estão sozinhos. E a educação não pode ser improvisada. Recordo com alegria os anos passados na querida Diocese de Chiclayo, visitando a Universidade Católica de San Toribio de Mogrovejo, as oportunidades que tive de me dirigir à comunidade académica, dizendo: «Ninguém nasce profissional; todo o percurso universitário constrói-se passo a passo, livro a livro, ano a ano, sacrifício após sacrifício» [14] .

5.2. A escola católica é um ambiente em que fé, cultura e vida se entrelaçam. Não é simplesmente uma instituição, mas um ambiente vivo em que a visão cristã permeia todas as disciplinas e todas as interações. Os educadores são chamados a uma responsabilidade que vai para além do contrato de trabalho: o seu testemunho é tão valioso quanto as suas aulas. Por isso, a formação dos professores – científica, pedagógica, cultural e espiritual – é decisiva. Na partilha da missão educativa comum, é também necessário um percurso de formação comum, “inicial e permanente, capaz de apreender os desafios educativos do momento presente e de fornecer ferramentas mais eficazes para os enfrentar [...]”. Isto implica nos educadores uma vontade de aprender e desenvolver conhecimentos, de renovar e atualizar metodologias, mas também de formação e partilha espiritual e religiosa” [15] . E as atualizações técnicas não bastam: é preciso manter um coração que escuta, um olhar que encoraja, uma inteligência que discerne.

5.3. A família continua a ser o primeiro lugar da educação. As escolas católicas colaboram com os pais, não os substituem, porque “o dever da educação, especialmente da educação religiosa, recai sobre eles antes de qualquer outra pessoa” [16]. A aliança educativa exige intencionalidade, escuta e corresponsabilidade. Ela constrói-se com processos, ferramentas e avaliações compartilhadas. É ao mesmo tempo um esforço e uma bênção: quando funciona, inspira confiança; quando está ausente, tudo se torna mais frágil.

6. Identidade e subsidiariedade

6.1. A educação é já reconhecida como de grande importância no princípio da subsidiariedade e no facto de que as circunstâncias variam de acordo com os diferentes contextos eclesiais locais. O Concílio Vaticano II, no entanto, articulou o direito à educação e os seus princípios fundadores como universalmente válidos. Destacou as responsabilidades atribuídas tanto aos próprios pais quanto ao Estado. Considerou a oferta de uma educação que permita aos alunos “avaliar os valores morais com boa consciência” [17] um “direito sagrado” e pediu às autoridades civis que respeitassem esse direito. Alertou também contra a subordinação da educação ao mercado de trabalho e à lógica frequentemente inflexível e desumana das finanças.

6.2. A educação cristã apresenta-se como uma coreografia. Dirigindo-se aos estudantes universitários na Jornada Mundial da Juventude em Lisboa, o meu falecido predecessor, o Papa Francisco, disse: «Sejam protagonistas de uma nova coreografia que coloque a pessoa humana no centro; sejam coreógrafos da dança da vida» [18]. Formar a pessoa «inteira» significa evitar compartimentos estanques. A fé, quando verdadeira, não é «matéria» a mais, mas um sopro que oxigena toda a outra matéria. Assim, a educação católica torna-se fermento na comunidade humana: gera reciprocidade, vence o reducionismo, abre-se à responsabilidade social. A tarefa hoje é ousar um humanismo integral que responda às questões do nosso tempo sem perder a sua origem.

7. Contemplação da Criação

7.1. A antropologia cristã é a base de um estilo educativo que promove o respeito, a orientação personalizada, o discernimento e o desenvolvimento de todas as dimensões humanas. Entre estas, a inspiração espiritual não é secundária, sendo realizada e fortalecida também pela contemplação da Criação. Este aspecto não é novo na tradição filosófica e teológica cristã, onde o estudo da natureza tinha também como objetivo a demonstração dos vestígios de Deus (*vestigia Dei*) no nosso mundo. Nas *Collationes in Hexaemeron*, São Boaventura de Bagnoregio escreve que “O mundo inteiro é uma sombra, um caminho, uma pegada. É o livro escrito de fora (Ez 2,9), porque em cada criatura há um reflexo do modelo divino, mas misturado com escuridão. O mundo é, portanto, um caminho semelhante à opacidade misturada com luz; neste sentido, é um caminho. Assim como se vê como um raio de luz que entra por uma janela é colorido de acordo com as diferentes cores das diferentes partes do vidro, o raio divino é refletido de forma diferente em cada criatura e assume diferentes propriedades” [19]. Isto também se aplica à plasticidade do ensino calibrada nos diferentes caracteres que – em todo o caso – convergem para a beleza da Criação e a sua proteção. E os projetos educativos requerem «inter e transdisciplinaridade exercida como sabedoria e criatividade» [20].

7.2. Esquecer a nossa humanidade comum gerou divisões e violência; e quando a Terra sofre, os pobres sofrem ainda mais. A educação católica não pode permanecer em silêncio: deve unir a justiça social e ambiental, promover a moderação e estilos de vida sustentáveis e formar consciências capazes de escolher não apenas o que é conveniente, mas também o que é certo.

Cada pequeno gesto — evitar o desperdício, escolher com responsabilidade, defender o bem comum — é alfabetização cultural e moral.

7.3. A responsabilidade ecológica não se limita a dados técnicos. Estes são necessários, mas não suficientes. O que se faz necessário é uma educação que envolva a mente, o coração e as mãos; novos hábitos, estilos de convívio, práticas virtuosas. A paz não é a ausência de conflito: é uma força suave que rejeita a violência. Uma educação para a paz que seja “desarmada e desarmante” [21] ensina-nos a depor as armas das palavras agressivas e do olhar julgador, para aprender a linguagem da misericórdia e da justiça reconciliada.

8. Uma constelação educacional

8.1. Falo de uma “constelação” porque o mundo da educação católica é uma rede viva e plural: escolas e colégios paroquiais, universidades e institutos de ensino superior, centros de formação profissional, movimentos, plataformas digitais, iniciativas de *aprendizagem-serviço* e pastoral escolar, universitária e cultural. Cada “estrela” tem o seu próprio brilho, mas juntas traçam um rumo. Onde no passado havia rivalidade, hoje pedimos às instituições que convirjam: a unidade é a nossa força mais profética.

8.2. As diferenças metodológicas e estruturais não são empecilhos, mas sim recursos. A pluralidade de carismas, se bem coordenada, cria um quadro coerente e frutífero. Num mundo interconectado, o jogo desenrola-se a dois níveis: local e global. São necessários intercâmbios de professores e alunos, projetos conjuntos entre continentes, reconhecimento mútuo de boas práticas e cooperação missionária e académica. O futuro exige que aprendamos a colaborar mais, a crescer juntos.

8.3. As constelações refletem as suas luzes num universo infinito. Como um caleidoscópio, as suas cores entrelaçam-se, criando ainda mais variações cromáticas. Isso também se verifica nas instituições de ensino católicas, que estão abertas ao encontro e à escuta da sociedade civil, das autoridades políticas e administrativas, bem como dos representantes dos setores produtivos e das categorias profissionais. Elas são chamadas a colaborar ainda mais ativamente com esses grupos para compartilhar e aprimorar os programas educacionais, de modo que a teoria seja fundamentada na experiência e na prática. A história também nos ensina que as nossas instituições acolhem alunos e famílias não crentes ou de outras religiões, mas que desejam uma educação verdadeiramente humana. Por essa razão — como já acontece —, devemos continuar a promover comunidades educativas participativas, nas quais leigos, religiosos, famílias e alunos compartilham a responsabilidade pela missão educativa juntamente com as instituições públicas e privadas.

9. Explorando novos espaços

9.1. Há sessenta anos, *a Gravissimum Educationis* inaugurou uma nova era de confiança: incentivou a atualização de métodos e linguagens. Hoje, essa confiança é medida pelo ambiente digital. As tecnologias devem servir às pessoas, não substituí-las; devem enriquecer o processo de aprendizagem, não empobrecer as relações e as comunidades. Uma universidade e escola católica sem visão corre o risco de uma eficiência sem alma, da padronização do conhecimento, que leva ao empobrecimento espiritual.

9.2. Para habitar esses espaços, é necessária criatividade pastoral: fortalecer a formação de professores, incluindo a formação digital; valorizar o ensino ativo; promover a *aprendizagem-serviço* e a cidadania responsável; evitar toda tecnofobia. A nossa atitude em relação à tecnologia nunca pode ser hostil, porque “o progresso tecnológico faz parte do plano de Deus para a criação” [22]. Mas requer discernimento no planeamento do ensino, na avaliação, nas plataformas,

na proteção de dados e na igualdade de acesso. Em todo o caso, nenhum algoritmo pode substituir o que torna a educação humana: poesia, ironia, amor, arte, imaginação, a alegria da descoberta e até mesmo aprender a errar como uma oportunidade de crescimento.

9.3. O ponto crucial não é a tecnologia, mas como a utilizamos. A inteligência artificial e os ambientes digitais devem ser orientados para a proteção da dignidade, da justiça e do trabalho; devem ser regidos por critérios de ética pública e participação; devem ser acompanhados de uma reflexão teológica e filosófica apropriada. As universidades católicas têm uma tarefa crucial: oferecer uma "diaconia da cultura", menos cátedras e mais mesas onde nos possamos sentar juntos, sem hierarquias desnecessárias, para tocar as feridas da história e buscar, no Espírito, a sabedoria que nasce da vida dos povos.

10. A Estrela Guia do Pacto Educacional

10.1. Entre as estrelas que guiam a nossa jornada está o *Pacto Global para a Educação*. Acolho com gratidão este legado profético que nos foi confiado pelo [Papa Francisco](#). É um convite a formar alianças e redes para educar para a fraternidade universal. Os seus sete caminhos continuam a ser o nosso alicerce: colocar a pessoa no centro; ouvir as crianças e os jovens; promover a dignidade e a plena participação das mulheres; reconhecer a família como a principal educadora; abrir-nos à aceitação e à inclusão; renovar a economia e a política a serviço da humanidade; proteger a nossa casa comum. Estas "estrelas" devem inspirar as escolas, universidades e comunidades educativas em todo o mundo, gerando processos concretos de humanização.

10.2. Sessenta anos após *a Gravissimum Educationis* e cinco anos após o Pacto, a história desafia-nos com uma nova urgência. Mudanças rápidas e profundas expõem crianças, adolescentes e jovens a fragilidades sem precedentes. Não basta conservar: precisamos revitalizar. Peço a todas as instituições de ensino que inaugurem uma nova era que fale aos corações das novas gerações, conciliando conhecimento e significado, competência e responsabilidade, fé e vida. O Pacto faz parte de uma Constelação Educacional Global mais ampla: carismas e instituições, embora diversos, formam um plano unificado e luminoso que guia os nossos passos na escuridão do presente.

10.3. Às sete vias, acrescento três prioridades. A primeira diz respeito à vida interior: os jovens exigem profundidade; precisam de espaços de silêncio, discernimento e diálogo com a sua consciência e com Deus. A segunda diz respeito à digitalização humana: educamos para o uso sábio da tecnologia e da IA, colocando a pessoa acima do algoritmo e harmonizando as inteligências técnica, emocional, social, espiritual e ecológica. A terceira diz respeito ao desarmamento e à construção da paz: educamos em linguagens não violentas, na reconciliação, na construção de pontes, não de muros; "Bem-aventurados os pacificadores" (Mt 5,9) torna-se o método e o conteúdo da aprendizagem.

10.4. Sabemos que a rede educativa católica possui uma capilaridade única. É uma constelação que alcança todos os continentes, com uma presença particular nas zonas de baixos rendimentos: uma promessa concreta de mobilidade educativa e justiça social [23]. Esta constelação exige qualidade e coragem: qualidade no planeamento pedagógico, na formação de professores, na gestão; coragem para garantir o acesso aos mais pobres, para apoiar as famílias vulneráveis, para promover bolsas de estudo e políticas inclusivas. A generosidade evangélica não é retórica: é um estilo de relação, um método e um objetivo. Onde o acesso à educação continua a ser um privilégio, a Igreja deve abrir as portas e inventar caminhos, porque "perder os pobres" equivale a perder a própria escola. Isto aplica-se também à universidade: uma perspectiva inclusiva e um cuidado com

o coração que livre da padronização; o espírito de serviço reanima a imaginação e reacende o amor.

11. Novos Mapas da Esperança

11.1. No sexagésimo aniversário da *Gravissimum Educationis*, a Igreja celebra uma história educativa fecunda, mas também enfrenta o imperativo de atualizar as suas propostas à luz dos sinais dos tempos. As *constelações educativas* católicas são uma imagem inspiradora de como a tradição e o futuro podem entrelaçar-se sem contradição: uma tradição viva que se estende a novas formas de presença e serviço. As constelações não podem ser reduzidas a ligações neutras e planas de diversas experiências. Em vez de correntes, ousamos pensar em constelações, no seu entrelaçamento repleto de admiração e despertar. Nelas reside a capacidade de navegar os desafios com esperança, mas também com revisão corajosa, sem perder a fidelidade ao Evangelho. Estamos cientes dos desafios: a hiper digitalização pode fragmentar a atenção; a crise das relações pode prejudicar a mente; a insegurança social e a desigualdade podem extinguir o desejo. Contudo, precisamente aqui, a educação católica pode ser um farol: não um refúgio nostálgico, mas um laboratório de discernimento, inovação pedagógica e testemunho profético. Traçar novos mapas de esperança: essa é a urgência do mandato.

11.2. Peço às comunidades educativas: desarmem as suas palavras, elevem o seu olhar, guardem o seu coração. Desarmem as suas palavras, porque a educação não avança através da polémica, mas sim através da mansidão que escuta. Elevem o seu olhar. Como Deus disse a Abraão: «Olha para o céu e conta as estrelas» (*Gn* 15,5): saibam perguntar-se para onde vão e porquê. Guardem o seu coração: a relação vem antes da opinião, a pessoa antes do programa. Não desperdicem tempo e oportunidades: «para citar uma expressão agostiniana: o nosso presente é uma intuição, um tempo que vivemos e que devemos aproveitar antes que nos escape das mãos» [24]. Em conclusão, queridos irmãos e irmãs, faço minha a exortação do Apóstolo Paulo: «Brilhem no mundo como estrelas, retendo firmemente a palavra da vida» (*Fl* 2,15-16).

11.3. Confio esta jornada à Virgem Maria, *Sedes Sapientiae*, e a todos os santos educadores. Peço aos pastores, consagrados, leigos, líderes institucionais, professores e alunos: sejam servos do mundo educativo, coreógrafos da esperança, incansáveis buscadores da sabedoria, criadores credíveis de expressões de beleza. Menos rótulos, mais histórias; menos oposições estéreis, mais sinfonia no Espírito. Então, a nossa constelação não apenas brilhará, mas guiará: rumo à verdade que nos liberta (cf. *Jo* 8,32), rumo à fraternidade que consolida a justiça (cf. *Mt* 23,8), rumo à esperança que não dececiona (cf. *Rm* 5,5).

*Basilica de São Pedro, 27 de outubro de 2025,
véspera do 60º aniversário.*

LEÃO PP. XIV

[1] LEÃO XIV, Exortação Apostólica *Dilexi te* (4 de outubro de 2025), n. 68.

[2] Cf. JOÃO XXIII, Carta Encíclica *Mater et Magistra* (15 de maio de 1961).

[3] JOÃO PAULO II, Constituição Apostólica *Ex corde Ecclesiae* (15 de agosto de 1990), n. 1.

[4] LEÃO XIV, Exortação Apostólica *Dilexi te* (4 de outubro de 2025), n. 69.

[5] LEÃO XIV, Exortação Apostólica *Dilexi te* (4 de outubro de 2025), n. 70.

[6] LEÃO XIV, Exortação Apostólica *Dilexi te* (4 de outubro de 2025), n. 72.

[7] CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, Instrução “ *A identidade da escola católica para uma cultura de diálogo* ” (25 de janeiro de 2022), n. 32.

[8] JOHN HENRY NEWMAN, *A Ideia de Universidade* (2005), p. 76.

[9] Cf. CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Instrumentum laboris Educar hoje e amanhã. Uma paixão que se renova* (7 de abril de 2014), Introdução.

[10] SE Mons. ROBERT F. PREVOST, OSA, *Homilia na Universidade Católica de Santo Toribio de Mogrovejo* (2018).

[11] Ver JOHN HENRY NEWMAN, *Writings on the University* (2001).

- [12] LEO XIV, Audiência com os membros da Fundação Centesimus Annus Pro Pontifice (17 de maio de 2025).
- [13] *Ibid* .
- [14] SE Mons. ROBERT F. PREVOST, OSA, *Homilia na Universidade Católica de Santo Toribio de Mogrovejo* (2018).
- [15] CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, Carta Circular Educar Juntos nas Escolas Católicas (8 de setembro de 2007), n. 20.
- [16] SEGUNDO CONCÍLIO ECUMÊNICO DO VATICANO, Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo Moderno, Gaudium et spes (29 de junho de 1966), n. 48.
- [17] SEGUNDO CONSELHO ECUMÊNICO VATICANO, Declaração Gravissimum educationis (28 de outubro de 1965), n. 1.
- [18] PAPA FRANCISCO, Discurso aos estudantes universitários por ocasião da Jornada Mundial da Juventude (3 de agosto de 2023).
- [19] SAN BONAVENTURA DA BAGNOREGIO, *Collationes in Hexaemeron* , XII, in *Opera Omnia* (editado por Peltier), Vivès, Parigi, t. IX (1867), pp.
- [20] PAPA FRANCISCO, Constituição Apostólica Veritatis gaudium (8 de dezembro de 2017), n. 4c.
- [21] LEÃO XIV, Saudação da Loggia central da Basílica de São Pedro após a eleição (8 de maio de 2025).
- [22] DICASTERIO PARA A DOCTRINA DA FÉ E DICASTERIO PARA A CULTURA E A EDUCAÇÃO, Nota Antiqua et nova (28 de janeiro de 2025), n. 117.
- [23] Ver *Anuário Estatístico da Igreja* (atualizado até 31 de dezembro de 2022).
- [24] Sua Excelência Monsenhor ROBERT F. PREVOST, OSA, *Mensagem à Universidade Católica Santo Toribio de Mogrovejo por ocasião do 18º aniversário de sua fundação* (2016).

+ + + + + + + + + + +

Carta apostólica ‘Desenhar novos mapas de esperança’

Programa Ecclesia de 30 de outubro de 2025

<https://www.youtube.com/watch?v=TnqNCDTuMI0&t=1237s>